

## O discurso digital nativo e a noção de textualidade: novos desafios para a Linguística Textual

The digital discourse and the concept of textuality:  
new challenges for Text Linguistics

Maria Eduarda Giering<sup>1</sup>

Rosalice Pinto<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho, centrado fundamentalmente na Análise dos Discursos Digitais (MAYEUR; PAVEAU, 2020; PAVEAU, 2021), objetiva mostrar de que forma a noção de textualidade, tradicionalmente descrita nos estudos de Linguística Textual, deve ser complexificada, quando analisamos discursos em circulação nas mídias digitais. Assim, de forma a atingir o objetivo proposto, duas categorias analíticas desses discursos serão estudadas: a deslinearização e a ampliação enunciativa. Na verdade, nestes a textualidade é construída pelo próprio escreitor que combina, de forma dinâmica e simultânea, tanto o ato de escrita quanto o de leitura. Tal atitude enunciativa na gestão dos hiperlinks e também a natureza deslinearizada do seu gesto enunciativo propiciarão inúmeras possibilidades de construção de unidades textuais/discursivas. De forma ilustrativa, serão analisadas duas postagens: um hipertexto da revista Superinteressante e um tuíte do epidemiologista Paulo Lotufo (com os comentários). Os resultados qualitativos obtidos atestam que o leitor-usuário, nos gêneros nativos digitais, são aqueles que “fazem o texto”, seja pela deslinearização ou pela ampliação enunciativa, sendo que esses processos são co-construídos simultaneamente por linguagem multissemiótica e pela tecnologia. Tais características desses discursos digitais impõem assim uma atualização do conceito tradicional de textualidade.

**Palavras-chave:** Textualidade. Gênero nativo digital. Hipertexto. Escreitor. “Fazer Texto”.

**Abstract:** This paper, that mainly focus on the Analysis of Digital Discourses (MAYEUR; PAVEAU, 2020; PAVEAU, 2021) aims at showing how the concept of textuality, traditionally described in Text Linguistics studies, should be taken to a more complex level when we analyse discourses in the digital media. Thus, in order to achieve this goal, we consider two categories for the analysis of those discourses: the non-linearity and the enunciative enlargement. Actually, in these discourses, textuality is created by the writer-reader himself/herself who combines, in a dynamic and simultaneous way, both writing and reading. This enunciative attitude towards the management of the hyperlinks fosters several possibilities for the construction of the textual/discursive units. Then, to illustrate our approach, two posts will be analysed: one hyperlink from the magazine Superinteressante and a tweet from the epidemiologist Paulo Lotufo (with the comments). The qualitative results showed that, regarding the digital native genres, the readers-users are the ones who “make the text”, either by non-linearization or by an enunciative enlargement; these processes are built simultaneously through the use of a plurissemiotic language and technology; such features of these digital discourses demand thus a review of the concept of textuality as it is traditionally assumed.

**Keywords:** Textuality. Digital native genre. Hypertext. Writer-Reader. “Text Making”.

---

<sup>1</sup> Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, São Leopoldo, RS, Brasil. Endereço eletrônico: [eduardajg@gmail.com](mailto:eduardajg@gmail.com).

<sup>2</sup> Instituto de Filosofia da Linguagem e Centro de Investigação e Desenvolvimento sobre Direito e Sociedade da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. Endereço eletrônico: [rosalice.pinto@fcs.unl.pt](mailto:rosalice.pinto@fcs.unl.pt).

## Introdução

Desde o advento da Web 2.0, os discursos que circulam nas mídias digitais, por suas características diferenciadas, questionam noções, até então estabilizadas, sobre texto e textualidade. A hipertextualidade e os gêneros nativos da web, isto é, produzidos on-line num lugar digital que os hospede, reúnem de forma indissociável linguagem e tecnológica digital, desprendendo-se de concepções de textualidade que servem aos textos impressos.

Quando nos referimos à tecnologia no âmbito do discurso digital, estamos tratando da relação com dispositivos constituídos de ferramentas informáticas on-line ou off-line, em que textos (plurissemióticos) são produzidos em aparelhos conectados (computador, telefone, tablet). Relaciona-se a essa tecnologia igualmente as imposições técnicas decorrentes do próprio dispositivo digital. Trata-se de restrições da escrita por sistemas de gerenciamento de conteúdo dos sites e pelos CMS (*Content Manager System*) e APIs (*Application Programming Interface*). Conforme Paveau,

[...] as restrições que a técnica coloca na escrita digital são de duas ordens: no nível macro, elas produzem determinismos dos formatos próprios dos dispositivos de escrita; em um nível micro, elas se voltam à natureza dos elementos da linguagem no contexto digital que integram intrinsecamente uma dimensão técnica (a dimensão compósita<sup>3</sup> dos elementos tecnolinguageiros). (PAVEAU, 2021, p. 186)

Salienta-se também, na adoção do termo tecnológico digital, a influência dos algoritmos, que constituem uma parte das restrições discursivas on-line. Inclusive, como afirma Paveau (2007, p. 23), a internet, a partir da web, ao transmitir instruções semânticas fortes (tecnologicamente controladas), pode vir a se tornar até “arma de manipulação”.

A Análise do Discurso Digital (doravante ADD) idealizada por Marie-Anne Paveau (PAVEAU, 2021; MAYEUR e PAVEAU, 2020) discute seriamente a dimensão digital dos processos de textualização em ecossistemas conectados, indicando para a Linguística Textual (LT) e a Análise do Discurso (AD) a necessidade de adequar seus dispositivos teóricos e metodológicos com vistas ao tratamento dos textos on-line.

Motivadas pelas provocações da Paveau (2015) e a partir de exemplos de textos que circulam nativamente na web, apresentamos algumas noções introduzidas pela linguista no interior da ADD. Expomos particularidades dos textos digitais e a dificuldade de estender a eles as propriedades postuladas para os textos pré-digitais. Antes disso, discorreremos brevemente

---

<sup>3</sup> Os discursos digitais nativos são compósitos porque constituídos de matéria mista, que reúne o linguageiro e o tecnológico de natureza informática, caracterizando uma composição tecnolinguageira, que pode ser plurissemiótica, ao mobilizar, numa mesma semiose, texto, imagem fixa ou animada, som (PAVEAU, 2021).

sobre como a LT, nacional e internacionalmente, tem tratado a noção de textualidade até o hipertexto.

Nosso objetivo neste artigo é discutir a textualidade no hipertexto considerando as particularidades dos textos produzidos em ambientes conectados.

### **A concepção de textualidade e “faire-texte”**

O conceito de textualidade vem sendo desenvolvido ao longo dos anos por vários teóricos da Linguística Textual (LT) a nível nacional e internacional.

Como se sabe, foi a partir dos trabalhos precursores de Beaugrande e Dressler (1981) que a textualidade foi concebida como o resultado de um conjunto de características que nos propicia etiquetar um texto como tal. São estas: a coerência e a coesão (ambas de natureza linguística e conceitual); a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade (relacionados a fatores pragmáticos em consonância com o próprio processo sociocomunicativo). Evidentemente, apesar de já haver, mesmo de forma incipiente, indícios da importância do contexto sociocomunicativo, ainda permaneciam resquícios de uma LT apregoada por teóricos das gramáticas do texto, centrada em uma visão cognitiva da linguagem. Nesta, como se sabe, o texto, enquanto objeto formal abstrato, correspondia a uma unidade qualitativamente maior do que a frase. Nesse quadro, a língua centrava-se, sobretudo, em uma capacidade mental (racional, intuitiva) de corresponder a uma determinada realidade. Nesse contexto, os princípios da textualidade atestavam regras de boa formação textual.

Evidentemente, esses pressupostos teóricos iniciais de Beaugrande e Dressler foram complementados pelas atualizações de Beaugrande (1997), a partir de uma revisitação da noção de texto que veio a implicar mudanças substanciais no âmbito dos estudos da LT. Neste último trabalho em especial, Beaugrande aponta que o texto deve ser considerado como “um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais” (BEAUGRANDE, 1997, p. 10). Ao tratar o texto como um evento comunicativo e pontuando também a relevância das questões sociais a ele relacionadas, o autor complexifica a própria noção de textualidade. Tal atualização teórica veio a se refletir em trabalhos posteriores de Marcuschi e Koch, em contexto brasileiro, por exemplo.

Na realidade, como bem salienta Marcuschi (2008, p. 80), com essa redimensionalização o texto passa a ter de tratar de vários multissistemas (o caráter pluri-semiótico dos textos com suas várias funções passa a ser uma das suas características constitutivas). Ainda, a questão interativa (com várias autorias) e social se impõem na produção

textual, sendo que o último aspecto passa a ter também uma maior relevância. Essa ampliação do conceito de texto veio a repercutir também em contexto europeu. Pode-se citar o trabalho de Coutinho (2004)<sup>4</sup>, em que a autora pontua a tendência, na atualidade, da existência de uma não dicotomização das noções de texto e discurso que passaram a ser, complementares. Ou, ainda, nas palavras de Travaglia (2021) e também ratificadas por reflexões de Cavalcanti (2021), questões discursivas estão amalgamadas às textuais, nos estudos atuais da LT.

Contudo, apesar dessas breves considerações, não nos compete aqui traçar um percurso histórico sobre a evolução das noções de texto ou de textualidade. Vale ressaltar, sobretudo, os esforços estabelecidos pelos diversos teóricos, principalmente na década de 90, no sentido de salientarem que a textualidade pode ultrapassar o nível linguístico propriamente dito, sendo também dependente da situação comunicativa em que se dá a interação. Dentro desse contexto, essa interlocução se estabelece entre sujeitos históricos e sociais, que (re)constróem textualmente os seus dizeres. Se estes interlocutores se restringiam inicialmente apenas ao produtor e ao intérprete de determinado texto, observa-se a existência, já em contexto brasileiro, de uma mudança de paradigma. Nomeadamente, os trabalhos de Marcuschi (1999) e Koch (2002) complexificam essa visão da interação ainda restrita, mostrando que, em função de contextos diversos, ela pode ser estendida a muitos interlocutores (como mencionado), o que vai repercutir de forma inequívoca na noção de textualidade que está sendo revista na atualidade com o trabalho dos discursos digitais.

No caso específico do primeiro autor, a noção de hipertexto<sup>5</sup> é introduzida aos estudos da LT, no que tange à “escrita eletrônica”, pontuando que o leitor tem condições de ser também o autor do texto que produz, conforme pressupostos já desenvolvidos por Snyder (1997). Conseqüentemente, este leitor/autor (lautor), na acepção inclusive de Rojo<sup>6</sup> ou escreleitor conforme Paveau (2021), interage com vários indivíduos na rede, tendo a tecnologia como base. Evidentemente, essa escrita não sequencial e não linear vai permitir a esse escreleitor ter acesso,

---

<sup>4</sup> Neste sentido, a autora se contrapõe à concepção de texto preconizada inicialmente nos trabalhos de Adam de 1990, que concebia ser o texto = Discurso – condições de produção, separando assim de forma radical o texto do discurso.

<sup>5</sup> A noção de hipertexto, relacionada à quebra da linearidade sintática ao nível da leitura, já é há muito conhecida, inclusive na literatura. Dessa forma, não está restrita aos textos digitais. Segundo Levy (1993), estamos, todo o tempo, fazendo associações a-lineares, nos processos de leitura, escrita, através de analogias, relações, associações. A esse processo, o autor denomina “ecologia cognitiva”.

<sup>6</sup> Este corresponde à diluição de fronteiras entre leitura e autoria, como menciona Rojo (2013) citando Chartier (1999), consequência das mídias digitais atuais. Este “lautor” ou “produsuário” pode utilizar as várias multissêmioses disponíveis nos próprios meios para as suas várias ‘produções’. Vale salientar ainda que, segundo Chartier (1999, p. 16) *apud* Komesu (2005), no texto eletrônico, a função do autor enquanto editor passou a ser múltipla: além de re(construir) o texto ele é também o responsável por sua divulgação (tarefa restrita anteriormente a livreiros e distribuidores).

em tempo real, a inúmeros textos, a partir das escolhas por ele efetuadas. Os textos produzidos serão, assim, denominados de hipertextos que remetem a um novo paradigma de produção textual e também a uma noção de textualidade que merece ser reatualizada tendo em conta esses novos paradigmas. De que forma a noção de hipertexto estaria interligada à da coerência?

Evidentemente, para que se estabeleça normalmente a coerência deve haver a existência de uma “integração conceitual e temática” entre o texto produzido e o interpretado. Nos textos impressos, como de hábito, em que a leitura dos textos é linear, compete ao produtor fazer as escolhas textuais de forma a “facilitar o processo de interpretação” por parte do leitor. Contudo, no caso de hipertextos, tal suposição cognitiva por parte do produtor é muito mais complexa, uma vez que são várias as possibilidades de continuação textual por parte do escritor. Face a essa dificuldade, Marcuschi (1999) salienta a relevância dos estudos dos processos de coerência dinâmica que poderiam vir a criar condições para que um menor esforço cognitivo por parte dos leitores fosse exigido, ao efetuarem as suas buscas na Internet.

Koch (2002), por sua vez, partilha da opinião desenvolvida por Marcuschi (1999) no que tange ao papel multifacetado do leitor (também autor ou co-autor), mas de uma forma um pouco diferente. Segundo a autora, o leitor do hipertexto poderá vir a fazer, neste, escolhas dos caminhos a seguir, aprofundando-se nos temas que mais lhe são pertinentes, o que lhe concederá certa autonomia. Outro autor, nomeadamente Xavier (2004, p. 117), sugere que essa possível emancipação do leitor não o eximirá dos possíveis condicionamentos socioculturais que poderá vir a sofrer.

Apesar de termos selecionado alguns aspectos em função do nosso interesse de estudo, o foco aqui é delimitar como a textualidade pode ser hoje considerada ao nível da LT e de que forma ela pode vir a ser (re)atualizada ou, mesmo, re(definida) em função da era digital em que vivemos. Contudo, para tal, importa-nos ratificar o conceito de LT que será por nós considerado.

Advoga-se aqui, neste trabalho, que a LT corresponde a um programa de trabalho, como já afirmara Marcuschi, que lida com textos enquanto unidades comunicativas (eventos) que têm uma unidade de sentido (realizada ao nível do uso como ao nível do sistema). No entanto, o texto, enquanto objeto de análise singular e integrado forçosamente a determinado gênero discursivo, deve ser estudado em função das condições sócio-históricas de sua produção/interpretação; dos interdiscursos com os quais dialoga; da orientação argumentativa à qual forçosamente está relacionado. Sendo que, em contextos digitais, lidamos com hipertextos e, assim, existe intrinsecamente uma complexificação das estratégias de

textualização e outras restrições de natureza técnica, como mencionamos, vão coibir a materialidade dos textos.

Se no Brasil já é latente uma adequação da LT ao desenvolvimento das demandas do próprio mundo digital, em contexto europeu ainda não se vê claramente este posicionamento. Por exemplo, no capítulo *Continuité e textualité*, Philippe e Adam (2015) trazem à tona a relevância de alguns fatores que propiciam ao produtor ou ao intérprete de determinado texto atribuir a um conjunto de enunciados certo “juízo de textualidade”. Para esses autores este se baseia em três aspectos: a conexão (ligações microtextuais dos enunciados); a coesão (integração local e global das partes entre elas e destas em relação ao texto em sua totalidade) e a coerência (relativa à adequação dos próprios enunciados à situação sociodiscursiva e ao gênero do discurso). Em relação aos dois primeiros níveis, em especial, Philippe e Adam (2015) postulam os três níveis de segmentação textual: o micro, o meso e o macro.

As primeiras estão ao nível oracional, sendo subdivididas em seis níveis: (1) ligações do significado – anáforas, isotopias, coreferência e colocações; (2) ligações do significante – gráficas – sinais de pontuação ou fônicas; (3) conexões – organizadores e conectores; (4) ligações por implicação – utilização de implícitos (pressupostos e subentendidos), elipses, intertextos; (5) responsabilização enunciativa e planos de enunciação; (6) sequência de atos do discurso.

As segundas dizem respeito às ligações mesotextuais. Estas correspondem às formas de empacotamento dos enunciados, de caráter semântico e macrossintático. As interligações podem ser da ordem da frase; do período (de teor gramatical ou ritmo); da estrutura sequencial (por sequências – descritivas, narrativas, argumentativas, explicativas ou dialogais).

As terceiras referem-se às ligações macrotextuais, relativas à unificação das partes de um plano de texto que pode ser mais ou menos convencional, em função da própria tradição do gênero discursivo em que esteja inserido. Essas ligações podem apresentar uma estrutura composicional (planos de texto englobantes e sequências facultativas) ou uma estrutura não linear (reticular e configuracional).

Ainda vale ressaltar que para Adam (2015, p. 75): “Todo efeito de textualidade é inseparável de um efeito de genericidade”. A imbricação dessas noções advém do fato de que uma unidade linguística, quer seja uma frase ou oração, só se torna unidade de discurso (enunciado) quando nos é possível relacioná-la a outras. Dessa forma, em todo enunciado ecoam vários outros, com os quais estão intertextualmente relacionados. Ou, ainda, os enunciados estão inseridos em gêneros que integram o universo interdiscursivo de determinada comunidade social. Na realidade, o próprio conceito de genericidade pode vir a ser expandido

para o discurso digital se concebermos que os hiperlinks remetem-nos para outros gêneros iguais ou diferentes do texto fonte e esses podem nos indicar ainda outros. No entanto, tal noção não foi aplicada diretamente para gêneros digitais ou, mesmo, para discursos digitais. Assim, o “faire texte” que a LT ainda apregoa está ainda muito ligado a uma tradição. Contudo, não podemos nos esquecer de que nas redes o escritor, através dos hiperlinks aos quais tem acesso, também é um agente de conexão e de construção de processos de leitura e escrita. Quais as implicações teóricas e metodológicas a serem assumidas por essa participação ativa?

Em jeito de síntese, podemos assumir aqui que o conceito de textualidade veio a ser atualizado ao longo dos diversos trabalhos por nós aqui elencados. Contudo, em contextos digitais, objetivo maior das análises que aqui serão apresentadas, o termo necessitará ainda de uma maior ampliação em função de questões tecnológicas, hipertextuais, multissemióticas, interacionais envolvidas. As questões que agora suscitamos é: (1) Como re(atualizar) o conceito de textualidade? (2) De que forma esta pode vir a reverberar na construção dos discursos em circulação no universo digital?

### **O hipertexto e a noção de textualidade**

Quando nos deparamos com o texto digital, isto é, com textos elaborados *on-line* nos espaços de escrita e com os instrumentos propostos pela internet, constatamos que os dispositivos que temos utilizado nos estudos teóricos de texto, discurso e interação, nos fornecem subsídios incompletos para análise. Essa é a posição de Marie-Anne Paveau (2021) ao mostrar que os gêneros nativos digitais, endêmicos da web, possuem uma dimensão tecnodiscursiva, ou seja, relacionam-se com processos de discursivização da língua num ambiente tecnológico, em que a produção languageira e discursiva está intrinsecamente ligada a ferramentas tecnológicas (computadores, telefones, tablets, softwares, aplicativos, sites, blogs, redes, plataformas). Essa realidade impõe desafios à linguística, especialmente à LT e à Análise do Discurso, entre os quais, a atualização da noção de textualidade.

Os discursos digitais, constitutivamente integrados aos ambientes conectados, não podem ser analisados apenas a partir do domínio linguístico, cultural, social, político, ético, mas também como composições intrinsecamente imbricadas entre o languageiro (de caráter plurissemiótico) e o tecnológico de natureza informática (PAVEAU, 2021).

Trata-se, na verdade, de considerá-los no âmbito de uma ecologia do discurso, isto é, com uma abordagem que toma como objeto não mais elementos languageiros isolados, mas todo o ambiente em que eles estão inscritos (PAVEAU, 2013). Para o tratamento ecológico dos discursos, projeta-se uma linguística de perspectiva pós-dualista, na qual não há ruptura entre a

ordem linguística e extralinguística, entre discurso e contexto (implicando, neste, também ferramentas tecnológicas digitais) “a ordem da linguagem e a da realidade formam um *continuum*”, postula Paveau (2021, p. 27).

Explica a linguista:

A perspectiva ecológica é particularmente necessária para análise do discurso nativamente digital por várias razões: as formas tecnolinguísticas possuem componentes tecnológicos que uma análise logocêntrica descartaria; a produção e recepção discursivas, no modo *on-line*, envolvem gestos de leitura na Internet inseparáveis de enunciados (clique, role, toque); os tecnodiscursos têm uma dimensão relacional, sendo todos, em graus variados e em diversas configurações, de ligações técnicas para outros enunciados. (PAVEAU, 2021, p. 159)

Na perspectiva da ecologia do discurso, a noção de ambiente passa a ser uma alternativa à de suporte, própria da linguística tradicional, pois, como salienta a linguista, “a técnica não é um simples suporte e menos ainda uma ferramenta, mas um componente estrutural dos discursos. O agente enunciativo se encontra distribuído no ecossistema digital” (PAVEAU, 2017, p. 162).

Quando Paveau afirma que há uma distribuição do agente enunciativo no ecossistema, isso significa que, no ambiente digital, atuam não apenas enunciadore humanos, mas também não-humanos, como os sistema de gerenciamento de conteúdo de sites, por exemplo, o CMS (Content Manager System), que dita formatos dos dispositivos digitais de escrita do texto, como falamos na introdução deste artigo.

Os elementos clicáveis de um discurso digital são formas tecnolinguageiras. É o caso, entre outros, das tecnopalavras que estabelecem conexões hipertextuais lexicalizadas; das instruções integradas aos formatos dos sites, blogs, redes sociais ou outras plataformas (botões como ocultar, bloquear, reportar no Twitter; comentar, compartilhar no Facebook, por exemplo); das hashtags, um segmento linguageiro precedido do signo #, cuja associação transforma o segmento numa *tag* clicável que permite acessar a um grupo de enunciados que contém a hashtag.

Esses elementos são constitutivos das produções linguageiras e não simplesmente um meio que lhe seria exterior, destaca Paveau (2013). Nessa perspectiva, os componentes ditos inertes ou não dotados de palavras constituem, ainda assim, agentes físicos que participam da produção verbal e da circulação de informações. “Artefatos, objetos naturais, animados não humanos, dispositivos técnicos, configurações espaciais etc., todos esses elementos devem ser levados em conta e integrados ao processo de produção dos discursos” (PAVAEU, 2013, p. 10).



Para a linguista, seis são as características do discurso digital, que obrigam a repensar o instrumental teórico e metodológico da análise de discurso e de texto (PAVEAU, 2017):

- Composição: os discursos são constituídos por matéria mista, linguageira e tecnológica, de natureza informática, frequentemente de natureza plurissemiótica, mobilizando texto, imagens fixas ou em movimento, som;
- Deslinearização: os discursos podem ser deslinearizados pelos links hipertextuais;
- Ampliação enunciativa: os discursos digitais nativos revelam uma enunciação ampliada por adição (de comentários<sup>7</sup>, especialmente) e circulações facilitadas (compartilhamentos e reblogagem), ou pela escrita colaborativa (vários escritores produzindo um texto);
- Relacionalidade: Os discursos digitais nativos são todos inscritos numa relação com outros discursos, com os aparelhos (enunciados coproduzidos com a máquina) ou com os escritores e os (escri)leitores;
- Investigabilidade: devido aos metadados dos discursos digitais nativos, que são interiores a ele (inscritos no código), os textos são percorridos por ferramentas de busca e de redocumentação, sendo, assim, investigáveis, ou seja, localizáveis e coletáveis para eventuais menções, utilizações, repetições etc.;
- Imprevisibilidade: os discursos digitais nativos são parcialmente produzidos e/ou moldados pelos programas e algoritmos, o que os torna imprevisíveis para enunciadores humanos.

Para a discussão sobre a textualidade do hipertexto, objetivo deste artigo, focamos as categorias deslinearização e ampliação enunciativa, ainda que todos os traços enumerados estejam implicados nos discursos digitais.

A deslinearização nos remete à dimensão hipertextual dos discursos nativos da web, vista a partir de uma perspectiva que privilegia a análise dos fenômenos tecnolinguageiros, próprios do ambiente digital, e que integra práticas e competências tecnodiscursivas dos usuários. Paveau explicita essa posição:

Minha descrição de discurso hipertextual se apoiará principalmente na noção de ligação (a relacionalidade dos enunciados em contexto hipertextual), de não-

---

<sup>7</sup> Os comentários on-line, segundo Paveau (2021, p. 107), podem ser de quatro tipos: o relacional, o conversacional, o deslocalizado e o de partilha (ou pseudocomentário), cada qual com algumas tipologias características - para detalhes, ver: Paveau (2021, p. 97-117). No entanto, para este trabalho, por limitações espaciais, centramos-nos no estudo do segundo e mais particularmente no do comentário discursivo. Neste, em que é estabelecida uma relação entre dois enunciados (o enunciado 2 e o enunciado 1), o enunciado 2 (comentário propriamente dito) explora as diferentes potencialidades das várias plataformas, ampliando o conteúdo da informação contida no enunciado de origem, predicando-o.

linearidade e/ou descontinuidade (a concepção de texto como colocação em ligação dinâmica de fragmentos) e de escreitura (coconstrução do sentido pelo usuário num gesto duplo de leitura e de escritura). (PAVEAU, 2016, p. 23)

Visando a esclarecer a perspectiva ampliada do hipertexto, a linguista alinha-se a Jean Clément (1995), que sublinha a dimensão dinâmica da escrita hipertextualizada, remetendo a uma leitura ativa e topográfica, que integra um gesto de escritura: “Mas o que se dá assim a ler não é o hipertexto. Isso não é mais do que uma representação simbólica. É que o hipertexto não é para ler, é para escrever. O sentido ali não é instituído de uma vez por todas” (CLÉMENT, 1995, on-line).

Na deslinearização, os elementos clicáveis (por exemplo, hiperlinks, hashtags, URLs) direcionam o leitor de um texto de origem a um texto de destino, estabelecendo-se uma conexão relacional entre os dois. Algo se destaca sobremaneira nesse fenômeno: a decisão do usuário-leitor, que ativa a deslinearização por meio da ação de clicar, ou seja, com um “enunciado de gesto” (BOUCHARDON, 2011). Configura-se, dessa maneira, a escreitura, própria aos discursos conectados, em que as ações de escrita e leitura se encontram. O texto preparado pelo escritor, que transforma os elementos linguageiros em endereços e, por conseguinte, em ferramentas de navegação para o leitor, é unicamente uma potencialidade: é o leitor que, ao localizar graficamente o hiperlink (colorido e/ou sublinhado), pode escolher se continua sua leitura linearmente ou se clica e se deixa “endereçar” a um texto alvo. O leitor, para Chartier, se transforma, na escreitura, em um coautor. Ele explica:

Com o texto eletrônico, [...] não somente o leitor pode submeter o texto às múltiplas operações (ele pode indexá-lo, anotá-lo, copiá-lo, desmembrá-lo, recompô-lo, desloca-lo etc.), mas, pode ainda tornar-se seu coautor. A distinção, fortemente visível no livro impresso, entre a escrita e a leitura, entre o autor do texto e o leitor do livro, desaparece diante de uma realidade diferente: a em que o leitor transforma-se em um dos atores de uma escrita a várias vozes ou, pelo menos, acha-se em condições de constituir um texto novo partindo de fragmentos cortados e juntados (CHARTIER, 1994, p. 193).

Ao visualizar a marca gráfica do hiperlink, o leitor faz a escolha de continuar sua leitura linearmente ou de clicar e se deixar “endereçar” a um texto alvo. É nesse último caso que sua leitura se constitui uma escreitura, pois enquanto lê/navega, ele escreve um outro texto além daquele que se lhe apresenta no primeiro contato. O leitor é, assim, um escreitor, que manipula o texto e escolhe seu percurso.

A título de exemplificação, trazemos uma notícia da revista Superinteressante on-line (Figura 1) marcada graficamente por hiperlinks, cada um deles remetendo a um texto de destino,

caso o leitor decida clicar nos tecnossegmentos grafados em vermelho e sublinhados<sup>8</sup>. Ao ter acesso ao texto de destino, ele pode prosseguir sua navegação, estabelecendo, como escritor, outras relações de acordo com seus interesses. Dessa forma, o hiperlink é uma entidade textual manipulável, que cria um novo tipo de conectividade e de escolha para o leitor, como salienta Landow (1996): “O hipertexto é, assim, propriamente falando, uma escritura multissequencial ou multilinear mais que não-linear”, define o autor (LANDOW, 1996, p. 157).

Outro exemplo, Figura 2, mostra igualmente a presença da deslinearização em um tuíte, gênero nativo digital<sup>9</sup> próprio da plataforma Twitter. Nesse caso, verifica-se que ela ocorre por meio de elementos clicáveis – a URL <<https://jornal.usp.br/artigos/coronavac-para-alem-de-anticorpos/>> e a própria imagem da notícia vinculada –, que direcionam o leitor-usuário para um outro ecossistema, caso ele decida, num enunciado de gesto, dirigir-se, como escritor, ao texto de destino.

Neste exemplo, o epidemiologista Paulo Lotufo tuíta uma crítica ao jornal Estadão que veiculara coluna assinada por um biólogo na qual questionava a eficácia da vacina Coronavac. O texto do tuíte de Lotufo é sucinto, ainda que marque sua posição sobre o tema ao afirmar que o artigo dos cientistas Daniel Youssef Bargieri e Mellanie Fontes-Dutra, ao qual o leitor é remetido em seguida, desmente o que Lotufo denomina desinformação “repetida todos os sábados pelo @estadão10”. No artigo dos biólogos publicado no jornal da USP, eles apresentam uma contraposição à coluna polêmica publicada anteriormente pelo Estadão sobre o tema. Salientamos que é o leitor-usuário que, se interessado, clica no hiperlink e é direcionado para o artigo de Bargieri e Fontes-Dutra, que, por sua vez, remete, também por meio de hiperlinks, à coluna inicial publicada no Estadão que gerou a contra-argumentação<sup>11</sup>, e, também, ao artigo científico que embasa toda a discussão sobre segurança e potencial de estimular resposta imunológica pela CoronaVac.

---

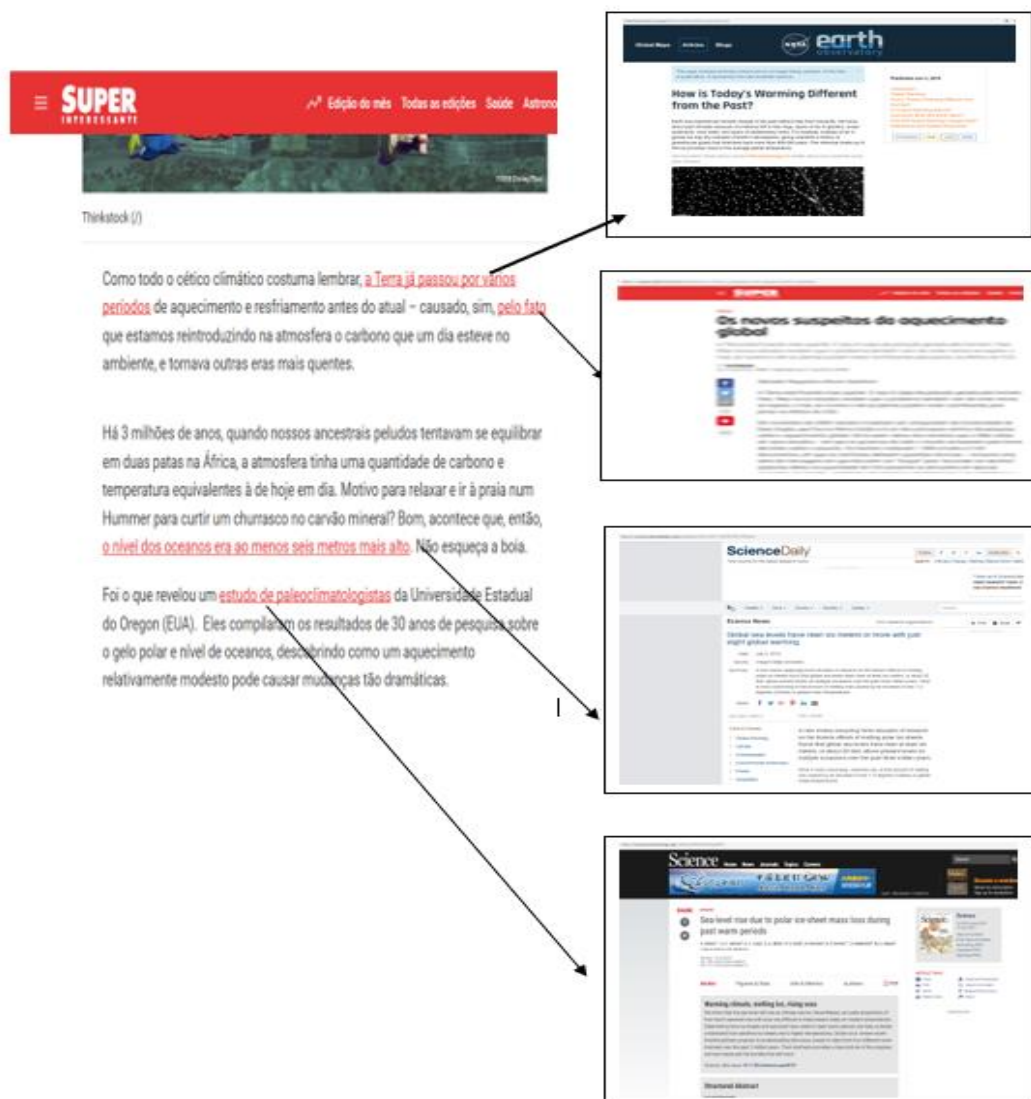
<sup>8</sup> A cor no ambiente dos gêneros nativos digitais não é apenas um sinal de hipertextualidade, mas uma espécie de quadro cognitivo que vai permitir ao usuário reconhecer certo segmento tecnolinguageiro, o que o permitirá clicar e aceder ao que pretende. Ademais, a própria cor (interligada à questão tecnológica envolvida) também é uma marca enunciativa importante, nesse contexto.

<sup>9</sup> O tuíte é um gênero nativo digital, pois ele tem sua existência ligada à plataforma digital Twitter.

<sup>10</sup> O uso de “@ X”, que indica o destinatário quando o sistema não o faz automaticamente, caracteriza um metadado produzidos pelo próprio autor.

<sup>11</sup> Aspectos da argumentação que envolvem as interações não serão aqui explorados, pois o foco é a deslinearização, traço específico do enunciado digital nativo.

Figura 1 - Fragmento de notícia da Revista Superinteressante com as hiperligações e os textos de destino



Fonte: BARBOSA, V. Aquecimento global faz rio desaparecer no Canadá em 4 dias. 20 abril 2017. Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/aquecimentoglobal-faz-rio-canada-sumir-em-4-dias/>. Acesso em: 16 jun. 2018.

Nesses dois exemplos de hipertexto, observamos que a unidade textual-discursiva é construída por decisão do escritor, estabelecendo-se uma multilinearidade, que, acreditamos, reconfigura a noção de textualidade ao reunir os atos de escrita e leitura. A textualidade, assim, é construída pelo escritor, que manipula o texto, mostrando esse constituir-se como objeto dinâmico. O julgamento de textualidade é, dessa forma, estabelecido pelo escritor, que faz seu texto.

Nesse processo, evidencia-se a dificuldade de pensar a textualidade do hipertexto fora do percurso do escritor, pois a unidade textual/discursiva é construída no percurso de leitura que “a torna texto”.

Aproximamo-nos agora da noção de enunciação ampliada. A escrita digital é considerada ampliada, de acordo com Paveau (2021), ou porque a web social permite prolongar os escritos por adições (de comentários, especialmente) e por compartilhamentos e reblogagens, ou porque possibilita, devido às ferramentas de escrita ubíquas, a vários escritores produzir simultaneamente textos (como no Google Drive, por exemplo). A característica comum nos dois casos é da ordem da enunciação, pois é pluri-enunciativa. Além disso, a atividade de leitura é ampliada, uma vez que, pela prática dos comentários, considerados enunciados segundos, a compreensão da mensagem, como esclarece Paveau (2021, p. 53), “não depende mais apenas de sua enunciação primeira, mas integra as enunciações segundas, prolongamentos temáticos ou metadiscursivos, que constituem os comentários, os compartilhamentos, as circulações”.

Se acompanharmos o prolongamento do tuíte da Figura 2, considerando os comentários<sup>12</sup> de escreitores, na Figura 3, verificamos que também esse traço do discurso digital atua para examinarmos a textualidade do discurso digital nativo.

Na Figura 3, após o tuíte de Lotufo (enunciado primeiro), vários leitores-usuários realizam comentários (enunciados segundos) sobre o conteúdo, seja para concordar, parabenizar, criticar o jornal Estadão ou o autor da coluna publicada pelo jornal, ou até para se contrapor à crítica de Lotufo<sup>13</sup>. O comentário digital, gênero tecnodiscursivo<sup>14</sup>, constitui, assim, uma enunciação ampliada, como salienta Paveau, que explica:

O comentário é, de fato, produzido a partir de um tecnodiscurso primeiro, postagem de *blog*, artigo de imprensa, postagem de rede social, do qual ele constitui um aumento, por diversas razões. Primeiro, no plano da enunciação editorial, o comentário se localiza num espaço integrado ao do texto inicial, às vezes na mesma página de internet (alguns sistemas, no entanto, exigem um clique específico para exibir os comentários). Em seguida, no plano do fio discursivo, os comentários prolongam o texto, às vezes fazendo seu autor intervir, e, às vezes, provocando atualizações no texto primeiro. Finalmente, os comentários têm um impacto semântico no texto ao orientarem sua leitura e, portanto, sua produção de sentido. (PAVEAU, 2017, p. 44)

---

<sup>12</sup> Este exemplo contempla apenas comentários discursivos.

<sup>13</sup> Convém salientar novamente que, neste artigo, ao tratarmos o comentário discursivo on-line na perspectiva da ampliação enunciativa, não o focalizamos sob a ótica da argumentação.

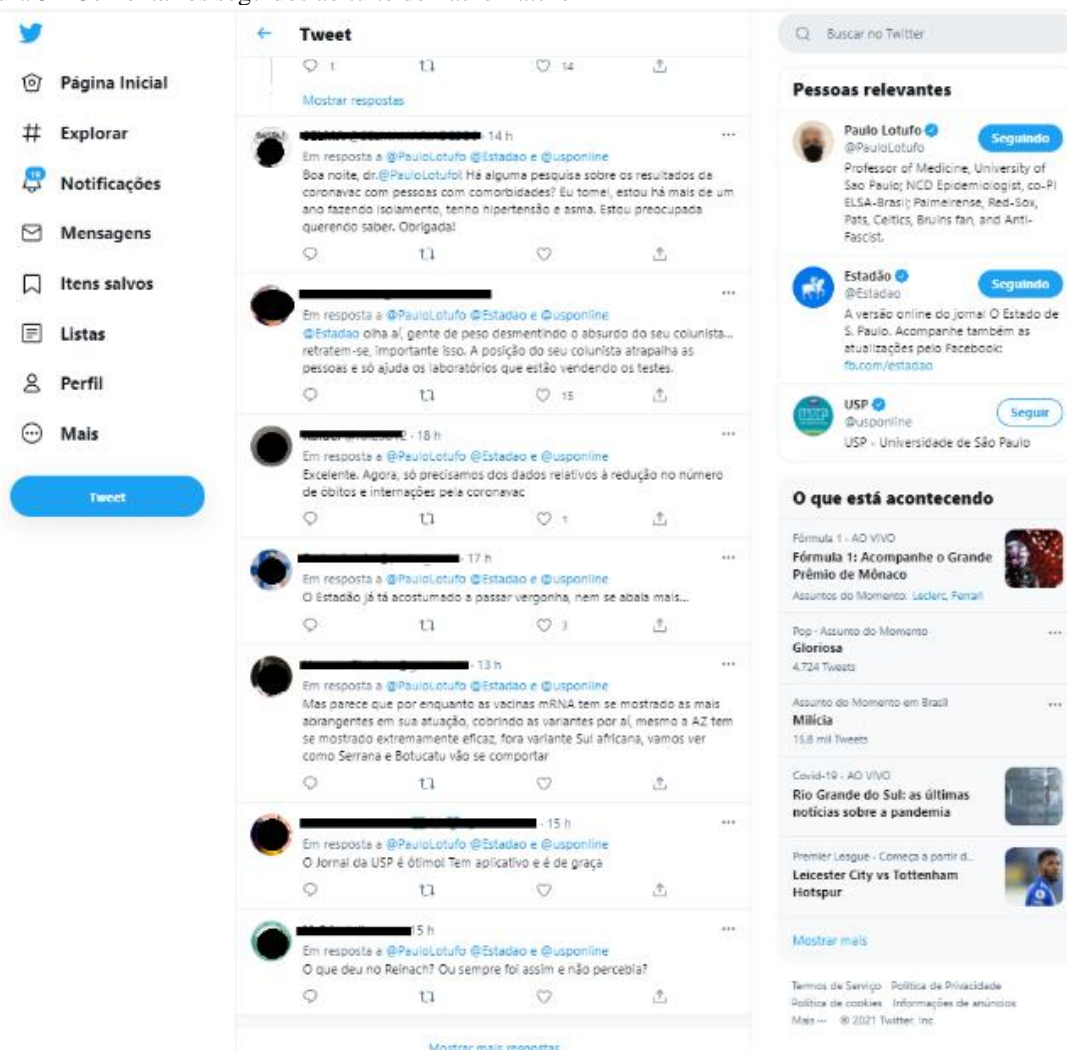
<sup>14</sup> O comentário on-line é considerado um gênero tecnodiscursivo, porque é produzido num espaço de escrita específico, no interior de ecossistema digital conectado.

Figura 2 - Tuíte Prof. Paulo Lotufo



Fonte: <https://twitter.com/PauloLotufo/status/1396193878152208385>.

Figura 3 - Comentários seguidos ao tuíte de Paulo Lotufo



Fonte: <https://twitter.com/PauloLotufo/status/1396193878152208385>.

Como se pode observar na Figura 3, os comentários dos usuários-leitores ao tuíte de Lotufo ampliam o texto primeiro produzido, que permanece aberto até o término dos comentários. Para Paveau (2017), a função do comentário digital modifica o status do texto produzido nativamente, pois seu fechamento não é uma propriedade do texto nem uma vontade somente do escritor, mas resultado dos papéis combinados dos programas e dos internautas.

A interatividade e a conversacionalidade características da web social oportunizam ao comentarista digital atuar como escreitor, que lê-escreve ao tecer comentários, os quais aumentam a postagem inicial e produzem um efeito retrospectivo sobre a unidade primeira, podendo modificar suas significações.

### **Considerações finais**

Ao levarmos em conta que os gêneros nativos digitais permitem a atuação do leitor-usuário como produtor de texto que excede ao enunciado primeiro sob “domínio” do escritor digital (ainda que ele esteja sobredeterminado pelas ferramentas de gestão de processos de escrita), constatamos que “o que faz texto” no ambiente digital pela deslinearização ou a ampliação enunciativa está intrinsecamente ligado aos processos próprios dos discursos digitais nativos, coconstituídos de linguagem e tecnologia informática.

A incorporação do tecnológico informático complexifica, assim, a noção de textualidade, pois o que está em jogo não são mais apenas descrições de encadeamentos de enunciados que “consistem na construção de unidades semânticas e de processos de continuidade pelos quais se reconhece um segmento textual” (ADAM, 2011, p. 63), mas operações tecnodiscursivas, nas quais a conectividade é estabelecida por elementos tecnolinguageiros que relacionam diferentes elementos – multissemióticos - e permitem percursos navegacionais que os ligam.

Além disso, a figura do escreitor modifica enormemente as noções de escrita e de leitura do pré-digital. Como afirma Chartier em relação ao texto eletrônico: “o leitor pode, a qualquer momento, intervir nos textos, modificando-os, reescrevendo-os, fazendo-os seus” (CHARTIER, 1994, p. 190).

Marcuschi (2005) já antevia, como vimos anteriormente, que características tecnológicas do hipertexto atuavam sobre a construção da coerência. Ele alertava: “o centro da coerência passa para o navegador, pois é ele que tem o mouse” (MARCUSCHI, 2017, p. 185).

Por fim, respondendo às perguntas apresentadas ao final da primeira parte deste artigo, podemos dizer que, para atualizar o conceito de textualidade, a LT necessita considerar que o texto nativo digital é um objeto tecnolinguageiro, manipulável e dinâmico. No hipertexto, com

um enunciado de gesto, o escritor constrói a multilinearidade do hipertexto, ou seja, uma multissequência de textos (multissemióticos), desdobrando uma textualidade aberta, incompleta e imprevisível, em que o texto está sujeito a contínuas ampliações sequenciais numa rede de relações.

Dessa forma, ao analista de textos digitais nativos cabe atender para as características do ecossistema em que estão inseridos esses textos, necessitando ir além dos elementos que marcam a textualidade impressa, caso queira dar conta da complexidade tecnodiscursiva que os caracteriza.

Uma última consideração: as abordagens breves apresentadas neste artigo se fazem no intuito de tematizar as questões apresentadas, sem ignorar que as formas e as práticas do discurso digital são complexas e exigem estudos aprofundados e interdisciplinares.

## Referências

- ADAM, J.-M. A. **Linguística textual**. Introdução à análise textual dos discursos. 2. ed. Trad. Maria das Graças S. Rodrigues *et alii*. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- BARBOSA, V. Aquecimento global faz rio desaparecer no Canadá em 4 dias. **Superinteressante**. 20 abril 2017. Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/aquecimento-global-faz-rio-no-canada-sumir-em-4-dias/>. Acesso em: 16 jun. 2018.
- BEAUGRANDE, R. de. **New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to Knowledge and Society**. Norwood: Ablex, 1997.
- BEAUGRANDE, R-A. de; DRESSLER, W. **Introduction to Text Linguistics**. London: Longman, 1981.
- BOUCHARDON, S. Des figures de manipulation dans la création numérique. **Protée**, n. 39, p. 37-46, 2011.
- CAVALCANTI, M. **Notas de Conferência proferida. II Ciclo de Conferências Linguística Textual e BNCC**. Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Textual (GEPELT). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2021.
- CHARTIER, R. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 185-199, 1994.
- CLÉMENT, J. L'hypertexte, une technologie intellectuelle à l'ère de la complexité. *In*: BROSSAUD, C. ; REBER ; B., **Humanités numériques 1**, Nouvelles technologies cognitives et épistémologie, Hermès Lavoisier, 2007.



COUTINHO, A. Schématisation (discursive) et disposition (textuelle). In: ADAM, J.-M.; GRIZE, J.-B & BOUACHA, M.A. (Orgs.). **Texte et discours**: catégories pour l'analyse. Dijon: Editions Universitaires de Dijon, 2004. p. 29-42.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortes, 2002.

KOMESU, F. O autor e o leitor no hipertexto. **Estudos linguísticos**, Campinas, v. XXXIV, p. 881-886, 2005.

LANDOW, G. **Hypertext 2.0**. The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1996.

LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência**. O futuro do pensamento na era da informática. 2. ed. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

MARCUSCHI, L.A. A coerência do hipertexto. In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3.ed. Belo Horizonte, Ceale/Autêntica, 2017.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Linearização, Cognição e Referência**. O desafio do hipertexto. Comunicação apresentada no IV Colóquio da Associação Latino-americana de Analistas do Discurso. Santiago, Chile, 5 a 9 de abril de 1999.

MAYEUR, I.; PAVEAU, M.-A. Présentation. Les devenirs du texte numérique. **Corela**, n. 33, p. 1-18, 2020.

PAVEAU, M.-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes, 2021.

PAVEAU, M.-A. Des discours et des liens. Hypertextualite, technodiscursivite, ecrilecture. **Semen**- Revue de sémio-linguistique des textes et discours, Presses Universitaires de l'Université de Franche Comté (Pufc), p. 23-48, 2016a.

PAVEAU, M.-A. L'écriture numérique. Stardartisation, délinearisation, augmentation. **Fragmentum**, n. 48, jul-dez, 2016b.

PAVEAU, M.-A. En naviguant en écrivant. Réflexions sur les textualités numériques. ADAM, J.-M. **Faire Texte**. Frontières Textuelles et Opérations de textualisation, Paris, p. 337-353, 2015.

PAVEAU, M.-A. Technodiscursivités natives sur Twitter. Une écologie du discours numérique, **Epistémè 9**, p. 139-176, 2013.

PHILIPPE, G.; ADAM, J. M. Continuité et textualité. In. Adam J.M. (org.). **Faire Texte**. Frontières Textuelles et Opérations de Textualisation, Paris, p. 35-81, 2015.

ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SNYDER, I. **Hypertext**. The electronic labyrinth. Washington: New York, University Press, 1997.

TRAVAGLIA, L. C. **Notas de conferência proferida no IV Workshop de Linguística Textual**. Grupo PROTEXTO. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2021

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. *In*: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 170-180.

### **Sobre as autoras**

*Maria Eduarda Giering* (<https://orcid.org/0000-0001-8098-4238>)

Doutora em Letras e Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e pós-doutora em Análise do Discurso pela Universidade Paris IV, França. É professora titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da mesma universidade.

*Rosalice Pinto* (<https://orcid.org/0000-0002-7638-654X>)

Doutora em Linguística pela Universidade Nova de Lisboa e pós-doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa. É pesquisadora do Instituto de Filosofia da Linguagem (IFILNOVA) da Universidade Nova de Lisboa e do Centro de Investigação e Desenvolvimento sobre Direito e Sociedade (CEDIS) da mesma universidade.

Recebido em maio de 2021.

Aprovado em julho de 2021.